

## O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA VISÃO DOS AUTORES, DOS PROFESSORES SUPERVISORES E DOS LICENCIANDOS

*Vânia Cristina da Silva Rodrigues*  
*Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)*  
*vaniacs.rodrigues@gmail.com*

*Luiz Fernando Rodrigues*  
*Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)*  
*rodrigues.luiz@gmail.com*

### Resumo

O estágio supervisionado de ensino é um momento muito importante para os estudantes durante os cursos de formação inicial de professores. Buscando compreender melhor esse momento, foi realizada uma pesquisa que objetivou desvelar três diferentes visões sobre o estágio: a dos autores que estudam a temática, a dos professores supervisores e a dos licenciandos. Além de pesquisas bibliográficas e documentais, foram coletadas as respostas de 21 alunos do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) matriculados na disciplina Orientação e Estágio Curricular Supervisionado II e de 13 professores que receberam esses estagiários nas escolas, em questionários compostos por questões abertas e fechadas. A análise dos dados demonstra que as três vozes estão em sintonia no que se refere as aspirações sobre o estágio supervisionado.

**Palavras-chave:** Formação Inicial; Licenciatura em Matemática; Estágio Supervisionado.

### 1. Introdução

Aos profissionais da educação colocam-se a necessidade de repensar o papel da escola e do professor, particularmente durante a formação inicial de professores tendo em vista as mudanças culturais, econômicas, políticas, sociais e tecnológicas, pelas quais tem passado a sociedade. Nos dias atuais, a discussão sobre formação e competência docente se apresenta como uma situação complexa, evidenciando que os professores de Ensino Superior têm se deparado com inúmeras dificuldades, particularmente nos cursos de Licenciatura.

Iremos nos deter no que diz respeito ao estágio supervisionado durante os cursos de formação de professores em nível superior, mais especificamente no curso de licenciatura em matemática. Para isso apresentaremos as vozes de três atores envolvidos diretamente nos estágios supervisionados. A primeira refere-se aos trabalhos de alguns teóricos da atualidade sobre o que é o estágio supervisionado e qual é a sua função. A segunda voz refere-se a dos professores supervisores, aqueles que recebem e supervisionam os estagiários nas escolas. A última voz trata dos alunos estagiários do curso de Licenciatura em Matemática da UFTM

matriculados na disciplina Orientação e Estágio Curricular Supervisionado II. Ao trazeremos estas vozes, poderemos obter uma visão mais completa do estágio supervisionado e assim compreender se esses diferentes atores, envolvidos nesse momento essencial para a formação dos futuros professores, estão em harmonia. Dessa forma, teremos condições de propor alternativas para que esse momento seja realizado da maneira mais profícua no sentido de obtermos como resultado profissionais mais capacitados e aptos à atuação na sala de aula.

## 2. A Voz dos Autores Sobre o Estágio Supervisionado

A questão do estágio supervisionado tem sido foco de inúmeras pesquisas acadêmicas, segundo Fiorentini (2008) as pesquisas sobre o estágio indicam que, se queremos formar professores capazes de produzir e avançar nos conhecimentos curriculares e de transformar a prática/cultura escolar, então é preciso que eles adquiram uma formação inicial que lhes proporcione uma sólida base teórico-científica relativa ao seu campo de atuação, que deve ser desenvolvida apoiada na reflexão e na investigação sobre a prática. Isso requer um tempo relativamente longo de estudo e o desenvolvimento de uma prática de socialização profissional e iniciação à docência acompanhada de muita reflexão e investigação, tendo a orientação ou supervisão de formadores-pesquisadores qualificados.

Castro (2002 apud FIORENTINI, 2008) e Rocha (2005 apud FIORENTINI, 2008) afirmam que as práticas de ensino e os estágios supervisionados representam uma instância importante e fundamental à formação do professor, sendo marcada por intensa e significativa aprendizagem profissional. Sobre a formação inicial, Diniz Pereira (2007, p. 86 apud LORTIE, 1975), destaca que

O termo “formação inicial”, como se sabe, é criticado [...] pelo fato dessa formação iniciar-se muito antes da entrada em um curso ou programa que se desenvolve em uma instituição de ensino superior. Como se sabe, a profissão docente é *suis generis*, pois, mesmo antes da sua escolha ou de seu exercício, o futuro profissional já conviveu aproximadamente 12.000 horas com “o professor” durante o seu percurso escolar.

Toda essa experiência anterior tem impacto na construção de modelos e concepções do que seja “o professor”, “a aula”, ou do que seja “ensinar”. Segundo Wideen *et al.* (1998 apud TARDIF, 2000), pesquisas produzidas em contextos educacionais bastante distintos do contexto educacional brasileiro mostram que os programas de “formação inicial”, mais especificamente os estágios e as práticas de ensino, não são capazes de mudar concepções prévias dos alunos, futuros professores, sobre ensino-aprendizagem e muito menos as suas

práticas pedagógicas. Diniz e Pereira (2007) por sua vez afirmam que na realidade brasileira os estágios supervisionados e as práticas de ensino ocupam espaços pouco prestigiados nos currículos: em geral, aparecem bastante tardiamente nesse percurso, alimentando a ideia de que chegou a hora de aplicar os conhecimentos aprendidos (ou supostamente aprendidos) por meio das disciplinas de conteúdo específico e/ou pedagógicos.

Fiorentini *et al.* (2002), ao fazer uma revisão do tipo estado da arte de 112 pesquisas brasileiras realizadas até 2002 sobre formação de professores, verificaram que os principais problemas detectados pelas pesquisas (das décadas de 1970 e 1980) ainda continuam presentes nos programas recentes de licenciatura em matemática (década de 1990 e início dos anos 2000). Para esses autores os principais problemas são

[...] desarticulação entre teoria e prática, entre formação específica e pedagógica e entre formação e realidade escolar; menor prestígio da licenciatura em relação ao bacharelado; ausência de estudos histórico-filosóficos e epistemológicos; predominância de uma abordagem técnico-formal das disciplinas específicas; falta de formação teórico-prática em Educação Matemática dos formadores. (idem, 2002, p. 154).

Segundo Pimenta e Lima (2004) esta dissociação entre a teoria e a prática resulta em um empobrecimento das práticas nas escolas, evidenciando a necessidade de explicitar por que o estágio é teoria e prática. As autoras destacam ainda que a profissão do educador é uma prática social, é uma forma de intervir na realidade social, pois a atividade docente é ao mesmo tempo prática e ação.

Candau e Lelis (1988 apud FIORENTINI, 2008) ressaltam que nas práticas de formação tem ocorrido uma mudança entre a relação dicotômica dissociativa, com a teoria separada da prática, para uma relação dicotômica associativa entre teoria e prática. Na relação dicotômica associativa, segundo Fiorentini (2008), a teoria e a prática podem acontecer concomitantemente ao longo do curso, porém desenvolvidas como disciplinas justapostas – teóricas de um lado e práticas de outro – sem articulação ou sem que seja estabelecida uma relação dialética entre elas, de modo que ambas possam se enriquecer mutuamente. Tardif (2000) destaca que a lógica disciplinar altamente fragmentada e especializada, faz com que as diversas disciplinas não tenham relação entre si, pois estas se constituem como unidades autônomas fechadas em si mesmas e de curta duração e, portanto, têm pouco impacto sobre a formação dos alunos dos cursos de licenciatura.

Pimenta e Lima (2004) apontam que ao estágio de cursos de formação de professores compete possibilitar que os futuros docentes compreendam a complexidade das práticas institucionais e das ações exercidas pelos profissionais como alternativa no preparo para a sua inserção profissional, mas isso só é conseguido se o estágio for uma preocupação, um eixo de todas as disciplinas do curso, que por sua vez devem contribuir para formar professores baseados na análise, na crítica e na proposição de novas maneiras de fazer educação, valorizando a prática profissional como momento de construção de conhecimento por meio do pensamento, da análise e da problematização dessa prática, atuando assim como um professor reflexivo ou professor pesquisador de sua prática.

Houssaye (2004) afirma que a formação inicial pode suscitar menos preocupações caso, entre outras coisas, a responsabilidade seja assumida de modo progressivo. Ainda segundo o autor:

O sistema de estágios/formação metodológica (lições-padrão)/formação teórica (aulas ou debates) é inadaptado, pois faz dos estágios exercícios de “sobrevivência” que levam a um pragmatismo generalizado, e não a um profissionalismo com diversidade; quanto aos ciclos teóricos, na maioria das vezes desconexos de uma vivência, eles têm sobretudo um caráter de oásis. (idem, p. 30).

O estágio prepara para um trabalho docente coletivo, pois o ensino, segundo Pimenta e Lima (2004), não é um assunto individual do professor, uma vez que a tarefa escolar é resultado das ações coletivas dos professores e das práticas institucionais. As autoras continuam afirmando que se pode “[...] pensar o estágio como propostas que consideram a teoria e a prática presentes tanto na universidade quanto nas instituições-campo. O desafio é proceder ao intercâmbio, durante o processo formativo, entre o que se teoriza e o que se pratica em ambas” (idem, p. 127).

### 3. A Voz dos Professores Supervisores

Os professores que participaram desta pesquisa foram aqueles que estão lotados em escolas da rede pública e que cedem espaços em suas disciplinas para os estagiários, para que esses possam ter um contato real com alunos nos diferentes níveis de ensino, supervisionando-os no papel do professor experiente. Desse modo, o estagiário adquire mais experiência e segurança para a sua prática profissional futura e ao mesmo tempo o professor supervisor poderá ter contato com novas metodologias. Durante o estágio supervisionado, o estagiário deve assumir uma turma, fazendo o planejamento, ministrando aula, elaborando e aplicando provas,

bem como participando das diversas atividades da escola (reunião de professores, feiras, festivais, dia temáticos – Dia do Matemático, festas cívicas, entre outros). O estágio deve ocorrer de forma semelhante à que se pretende na prática do futuro professor.

Tendo em vista a importância desse momento, especialmente para o licenciando, optamos por ouvir estes professores, através da aplicação de um questionário composto por questões abertas e fechadas. Foram investigados um total de 13 professores supervisores indivíduos, de cinco escolas diferentes, sendo uma escola da rede municipal e quatro da rede estadual. Esses professores foram os responsáveis pelos estagiários de quatro turmas, num total de 21 alunos do curso de licenciatura em Matemática, matriculados na disciplina Orientação e Estágio Curricular Supervisionado II e que deveriam realizar o estágio em turmas do ensino fundamental como determinava a ementa da disciplina.

A seguir apresentaremos os resultados dos questionários aplicados aos professores supervisores.

**Tabela 1 – Tempo de serviço dos professores supervisores**

Tempo de ensino (anos)	0 - 2	3 - 5	6 - 10	11 - 15	16 - 20	+ 21
Número de professores	2	1	5	2	2	1

Fonte: Questionários aplicados pelos autores

De acordo com a Tabela 1, podemos perceber que os professores supervisores tinham, em sua maioria, até dez anos de serviço. Esse fato nos remete a duas possibilidades: está havendo uma renovação no atual quadro docente ou os professores mais novos estão mais abertos aos estagiários, não temos, no entanto, como determinar a partir dos questionários qual dessas possibilidades está ocorrendo de fato. Tendo em vista o estreito contato dos alunos estagiários com os professores supervisores, investigamos quais são os materiais utilizados por esses professores para preparar as suas aulas, a tabela que segue sintetiza esses resultados.

**Tabela 2 – Material utilizado pelos os professores supervisores**

	Livro Didático	Softwares	Internet	Revistas	Livros	Jogos	Filmes	Outros
Total	13	2	5	2	7	8	-	3

Fonte: Elaboração dos autores

Algumas respostas foram consideradas em mais de uma categoria, isso se deve ao fato de que alguns professores utilizavam mais de um material na preparação de suas aulas. Como

esperado, o principal material usado por esses professores para o planejamento de suas aulas era o livro didático, mais da metade dos investigados. Considerando que os alunos estagiários entraram em contato direto com esses professores, podemos supor que futuramente, enquanto professores, poderão ser propagadores dessa realidade e ficarem presos apenas ao livro didático, deixando de utilizar outros materiais que poderão facilitar a compreensão dos alunos sobre as diversas temáticas abordadas em sala de aula. Outro detalhe interessante observado na pesquisa foi que os professores utilizavam revistas – a única citada foi a *Revista do Professor de Matemática*, que é disponibilizada por todas as escolas pesquisadas. Embora estivesse disponível a todos os professores investigados, apenas 38% utilizavam a internet para planejar e executar as suas aulas.

Em seguida questionamos qual era a opinião do professor supervisor sobre o estágio. Como era uma questão aberta, para facilitar o entendimento, categorizamos as respostas semelhantes, tal como mostra a tabela a seguir.

**Tabela 3 – Para que serve o estágio supervisionado?**

Realidade	Segurança	Experiência	Outros
7	1	7	1

Fonte: Elaboração dos autores

Convém destacar que algumas respostas foram consideradas em mais de uma categoria. As categorias foram: 1) realidade: mostra a realidade das escolas e salas de aula; 2) segurança: fornece meios para que o estagiário adquira maior segurança para a atuação em sala de aula; 3) experiência: por meio do estágio, o estagiário adquire mais experiência; 4) outros: a carga horária do estágio era resumida e deveria ser ampliada. Com base nos dados expostos na Tabela 3, podemos observar que os professores colaboradores consideravam, em sua maioria, que o estágio supervisionado servia para o aluno estagiário conhecer a realidade da escola e para adquirir experiência, com pouco mais de 50% das respostas. Apenas um indivíduo respondeu que o estágio supervisionado servia para que o aluno estagiário adquirisse segurança para a prática docente. Outro respondeu que a carga horária do estágio era resumida, sendo, pois, necessário que houvesse a sua ampliação.

Também questionamos os professores sobre a supervisão do estágio pela universidade, sob a forma de questão aberta. Com intuito de melhor expor as respostas, foram criadas categorias que seguem discriminadas na Tabela 4.

**Tabela 4 - Como deve ser realizada a supervisão do estágio pela universidade?**

Professor	Relatório	Proximidade com o Aluno	Proximidade com o Professor	Subsídios
5	1	4	4	1

Fonte: Elaboração dos autores

Algumas respostas foram enquadradas em mais de uma categoria, a saber: 1) professor: a supervisão do estágio deve ser feita pelo professor da disciplina de estágio supervisionado; 2) relatório: a supervisão deve ser realizada com base no relatório de estágio; 3) proximidade com o aluno: a supervisão pela universidade deve ser realizada mais próxima aos alunos; 4) proximidade com o professor: a supervisão pela universidade deve ocorrer com uma maior proximidade com o professor colaborador; 5) subsídios: a universidade (ou a disciplina de estágio supervisionado) deve fornecer subsídios para que o aluno compreenda o que é o estágio e como esse deve ocorrer.

Com base nas respostas, podemos observar que a categoria mais expressiva nas respostas dos professores colaboradores foi que a supervisão deveria ser realizada pelo professor da disciplina, com 38%. As categorias “proximidade com o aluno” e “proximidade com o professor” indicaram que os professores supervisores estavam insatisfeitos com a supervisão dos estágios pela universidade, demonstrando que a instituição estava distante dos alunos e dos professores supervisores durante a prática do estágio. Ainda houve respostas afirmando que a supervisão deveria ocorrer com base nos relatórios de estágio redigidos pelos alunos e que a universidade deveria dar subsídios para o aluno compreender o estágio.

**Tabela 5 - Como deve ser realizada a supervisão do estágio pela escola?**

Cotidiano	Professor	Professor Gestão	Outros	Não Especificado
1	6	3	2	1

Fonte: Elaboração dos autores

Na tabela acima, apresentamos as respostas acerca do que os professores pensam sobre a supervisão do estágio, como as respostas eram abertas, criamos categorias para agrupá-las e facilitar o entendimento, a saber: 1) cotidiano: a escola deve mostrar o que acontece no dia a dia do professor; 2) professor: o professor da disciplina que o estagiário lecionará deve fazer a supervisão, discutindo, planejando, observando e intervindo; 3) professor/gestão: a supervisão deve ser realizada pelo professor da disciplina em conjunto com a gestão da escola; 4) outros:

respostas que não se adequaram às outras categorias; 5) não especificado: o pesquisado não respondeu a essa questão.

A partir dos dados da tabela é possível observar que a categoria mais expressiva foi “professor”, com 46% das respostas. Isso mostra que o procedimento habitual de supervisão do estágio pela escola, segundo os docentes aqui pesquisados, deve continuar da maneira que vem ocorrendo. Em algumas respostas, constatamos que os professores supervisores afirmaram que durante a supervisão o professor deveria discutir a matéria com os estagiários e planejar com eles, intervindo quando necessário. A outra categoria mais citada foi “professor/gestão”, com 23% das respostas. Essa categoria coloca a supervisão do estágio na escola sob a responsabilidade do professor supervisor e não mais sozinho, ou seja, agora em conjunto com a gestão da instituição. Outras respostas foram dadas (ênfase no dia a dia do professor na escola, oferecer subsídios para o estagiário desenvolver as suas habilidades e o professor colaborador ser avaliado pelos alunos), mas não se adequavam necessariamente ao propósito da questão.

#### 4. A Voz dos Licenciandos

Para realizar esta pesquisa, colhemos por meio de questionários as opiniões de 21 estudantes ao longo de quatro semestres letivos e que estavam cursando a disciplina Orientação e Estágio Curricular Supervisionado II, ofertada no 6º período do curso de Licenciatura Matemática da UFTM, com carga horária de 120 horas, das quais 30 horas são desenvolvidas em sala de aula pelo professor responsável pela disciplina. Preferencialmente, os estagiários deveriam observar as aulas, em cada um dos quatro anos do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), para conhecer as particularidades de desenvolvimento cognitivo nas diversas etapas do processo ensino-aprendizagem e optar pela regência em um destes anos. As perguntas do questionário foram todas abertas e as respostas categorizadas de maneira que agrupassem conteúdos semelhantes. A única questão de múltipla escolha era a que investigava onde o estudante havia cursado o ensino médio e não foi considerada nesta análise.

**Tabela 6 - Por que cursar a Licenciatura em Matemática?**

<b>Ex Professor</b>	<b>Gosta de Lecionar</b>	<b>Trabalho Rápido</b>	<b>Ensino/ Pesquisa</b>	<b>Gosta do Conteúdo</b>	<b>Outras</b>	<b>Branco</b>
5	2	3	3	4	3	1

Fonte: Elaboração dos autores

Na tabela acima, procuramos identificar qual(is) motivo(s) havia(m) levado cada um dos licenciandos a optarem pela licenciatura em Matemática, cada resposta foi considerada em apenas uma categoria, a saber: 1) ex-professor: ingressou no curso porque teve bons professores nesta disciplina; 2) gosta de lecionar: gosta de ensinar e/ou quer ser professor; 3) trabalho rápido: a licenciatura proporciona uma grande facilidade para conseguir emprego rapidamente; 4) ensino/pesquisa: o curso de licenciatura é mais completo que o bacharelado, pois o profissional pode atuar na pesquisa e na docência; 5) gosta do conteúdo: escolheu a licenciatura porque gosta de matemática; 6) outras: categoria cujas respostas não se adequaram a nenhuma das respostas anteriores; 7) Branco: não responderam a questão.

A maioria dos alunos apontou ter escolhido o curso por influência de bons professores nesta disciplina, com 24% das respostas. Na categoria “ensino/pesquisa”, tivemos 14% das respostas e essas, em sua maioria, foram dadas pelos alunos estavam ou estiveram envolvidos em iniciação científica e já mantiveram contato com a pesquisa acadêmica. A categoria “gosta do conteúdo” teve 19% das respostas, sendo a segunda categoria mais citada pelos alunos. A categoria “outras” obteve 14% das respostas. Essa categoria foi criada em virtude de algumas respostas destoantes das demais; foram elas: influência da família; não ter passado no vestibular para outro curso; era mais fácil passar no vestibular para cursos de licenciatura. Um dos alunos cuja resposta está contabilizada nessa categoria afirmou não saber por que cursava a licenciatura escolhida e que ainda tinha dúvidas em relação à profissão. E a última categoria, “branco”, com apenas um indivíduo.

**Tabela 7 - Experiência docente**

<b>Não</b>	<b>Professor</b>	<b>PIBID</b>	<b>Monitoria</b>	<b>Programas</b>	<b>Pré-Vestibular</b>	<b>Reforço</b>
8	3	6	4	2	7	5

Fonte: Elaboração dos autores

Na tabela acima apresentamos as respostas dos licenciados quanto a sua experiência docente, as respostas foram categorizadas conforme os seguintes grupos: 1) não: nunca atuaram como docente; 2) professor: atuavam ou atuaram como professores em escola regular; 3) PIBID: atuaram como bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência; 4) monitor: atuaram como docentes em monitorias na própria universidade que estuda; 5) programas: atuaram como professores e/ou instrutores em programas, como o Mais Educação, por exemplo; 6) pré-vestibular: foram professores em cursos pré-vestibulares; 7) reforço: deram aula de reforço escolar.

Cabe destacar que alguns dos pesquisados optaram por mais de uma resposta, assim com base nas respostas, foi possível verificar que apenas 14% dos respondentes têm experiência formal de sala de aula, como docente de uma turma específica. A categoria mais expressiva foi a “não”, com 38% dos estudantes investigados. Outro aspecto interessante é o fato de que 24% dos alunos apontaram experiência docente por meio de aulas particulares. A partir desses dados, fica claro que ao terminar o curso o estudante tem pouca experiência de sala de aula e, por esse e por outros aspectos, torna-se ainda mais evidente a importância que o estágio supervisionado tem para esses alunos.

**Tabela 8 - A disciplina acrescentará algo à sua formação?**

<b>Teoria - Prática</b>	<b>Visão de ser Professor</b>	<b>Experiência e Conhecimento</b>	<b>Métodos e Técnica</b>	<b>Outros</b>
8	7	5	6	2

Fonte: Elaboração dos autores

Na tabela acima apresentamos o que pensam os licenciandos em relação à disciplina de estágio supervisionado, algumas das respostas transitaram entre duas ou mais categorias, sendo contadas em cada uma delas. Assim, de acordo com as respostas, foram criadas as categorias: 1) teoria-prática: liga a teoria aprendida na universidade com a prática na sala de aula; 2) visão de ser professor: faz o aluno ver o seu futuro como docente, bem como a realidade da escola; 3) experiência e conhecimento: serve para adquirir experiência em sala de aula e novos conhecimentos; 4) métodos e técnica: serve para aprender novos métodos e técnicas para aplicar em sala de aula; 5) outras: respostas que não se enquadraram em nenhuma das categorias anteriores.

Na categoria “teoria-prática”, 38% afirmaram ser essa disciplina uma ponte entre o que foi estudado durante a graduação e a realidade que os aguardava nas escolas. O tipo de respostas desta categoria demonstra que o estágio para esses alunos tem grande importância por propiciar o que outras disciplinas do curso não fazem: unificar a teoria e a prática. Muitos alunos ficam na expectativa de que essa seja a disciplina integradora; contudo, conforme destaca de Pimenta e Lima (2004) de que a teoria e a prática devem existir em todas as disciplinas, ao longo da formação do professor. Na categoria “visão de ser professor”, um terço dos alunos afirmaram que essa disciplina servirá para que possam se ver como futuros docentes em sala de aula. Assim, para aqueles alunos que ainda têm dúvidas sobre a profissão proporcionada pelo curso, essa disciplina pode ajudar a encontrar uma resposta. Sobre isso, Libâneo (1994) comenta que a formação profissional do professor implica contínua interpenetração entre teoria e prática: a

teoria vinculada aos problemas reais postos pela experiência prática e a ação prática orientada teoricamente.

Em “experiência e conhecimento”, temos como respostas aquelas que os alunos afirmaram que a disciplina servirá para acrescentar conhecimentos e experiências, auxiliando na prática futura em sala de aula. Quase um quarto dos respondentes foi contabilizada nessa categoria (24%). Na categoria “método e técnica”, tivemos 29% do total de respostas, as quais exemplificam papel do aprendizado e da vivência da e na docência que essa disciplina apresenta. Além disso, essas respostas mostram que esses alunos consideram o estágio como um momento de aprendizado riquíssimo, talvez por ser a prática e ter um profissional para dar qualquer suporte que eventualmente necessitem. A categoria “outros” obteve 10% e suas respostas não se adequaram às demais categorias.

## 5. Considerações Finais

O estágio supervisionado é visto como um fator com influência negativa para a opção pela carreira do magistério (LIPPE; BASTOS, 2008), pois mostra uma situação desestimulante encontrada principalmente nas escolas públicas. Mendes (2006, p. 196) explicita que atualmente têm-se tentado mudar a feição da Prática de Ensino e do Estágio Supervisionado, pelo menos teoricamente, conferindo às disciplinas uma conotação mais reflexiva e crítica, buscando encontrar caminhos que favoreçam um melhor desempenho dos alunos estagiários no enfrentamento dos desafios do ensino público, principalmente o fracasso escolar, que gera o desestímulo do alunado, compromete a ação docente e, de certa forma, desarticula o processo educacional.

Neste artigo, observamos quanto o estágio é importante para a formação dos futuros professores, gostaríamos de destacar a defesa de autores para que, sobre essa disciplina não recaia toda a responsabilidade de ofertar a “prática” aos alunos, visto que todas as disciplinas são ao mesmo tempo teóricas e práticas. Vimos que a voz da maioria dos alunos investigados está em consonância com o que os autores têm apresentado: o estágio é um momento de reflexão, de observar-se enquanto professor e por esse momento pode-se repensar as práticas de modo que se melhore a cada dia sua prática profissional. Também verificamos que o entendimento dos professores supervisores está em conformidade com o que a academia tem proposto. É importante que os diversos sujeitos envolvidos no processo de estágio (professor da disciplina, professor colaborador e aluno estagiário), bem como as instituições (universidade

e escola), estejam em sintonia, para que o estágio seja realmente uma parte interessante e necessária para a formação do futuro docente, tornando-o mais apto para o exercício da docência.

## 6. Referências

ALARCÃO, Isabel. *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora, 1996.

DINIZ PEREIRA, Júlio Emílio. *Formação de professores, trabalho docente e suas repercussões na escola e na sala de aula*. Educação & Linguagem, São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, ano 10, n. 15, p. 82-98, jan./jun. 2007.

FIORENTINI, Dario. A pesquisa e as práticas de formação de professores de matemática em face das políticas públicas no Brasil. *Bolema*, Rio Claro: UNESP, ano 21, n. 29, 2008, p. 43-70.

FIORENTINI, Dario; NACARATO, Adair Mendes; FERREIRA, Ana Cristina; LOPES, Celi Espasandin; FREITAS, Maria Teresa Menezes de; MISKULIN, Rosana Giaretta Sguerra. Formação de professores que ensinam matemática: um balanço de 25 anos da pesquisa brasileira. *Educação em Revista*, Belo Horizonte: UFMG, n. 36, p.137-160, 2002. Matemática”.

HOUSSAYE, Jean. Pedagogia: justiça para uma causa perdida. In: Houssaye, Jean; Soëtard, Michel; Hameline, Daniel; Fabre, Michel. *Manifesto a favor dos pedagogos*. Tradução de Vanise Dresch. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 9-45.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

LIPPE, Eliza Márcia Oliveira; BASTOS, Fernando. Formação inicial de professores em biologia: fatores que influenciam o interesse pela carreira do magistério. In: Bastos, Fernando; Nardi, Roberto. *Formação de professores e práticas pedagógicas no ensino de ciências: contribuições da pesquisa na área*. São Paulo: Escritura Editora, 2008.

MARTINS, André Ferrer Pinto. *Estágio supervisionado em física: o pulso ainda pulsa...* Revista Brasileira de Ensino de Física, São Paulo: Sociedade Brasileira de Física, v. 31, n. 3, p. 3.402-1–3.402-7, 2009.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucena. *Estágio e docência*. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

TARDIF, Maurice. *Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro: ANPED; Campinas: Autores Associados, n. 13, p. 5-24, jan./abr. 2000.